

Disjunção colunar em basaltos no Estado de São Paulo

Lauro Kazumi Dehira¹, Eliane Aparecida Del Lama²

¹Geólogo autônomo, São Paulo, E-mail: lkdehira@gmail.com; ²GeoHereditas, Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, Rua do Lago n. 562, São Paulo, E-mail: edellama@usp.br

Palavras-chave: Disjunção colunar, Geodiversidade, Basalto

1. Introdução

Uma das feições mais atraentes em maciços rochosos, do ponto de vista estético, é a disjunção colunar, em maciços de rocha basáltica ou assemelhadas de composição menos básica, que se formam pelo resfriamento lento do magma. A disjunção colunar é um conjunto de prismas colunares, geralmente na posição vertical, com seção basal poligonal geralmente de 3 a 7 lados, com até 30 m de altura e até 3 m de largura, o que faz com que sejam um grande atrativo nos locais em que ela ocorre. Tem-se vários exemplos em diversos rincões do planeta: Devil's Tower nos EUA, Calçada do Gigante na Irlanda do Norte, Ilha de Staffa na Escócia, Ilha de Jeju na Coreia do Sul, Ilha de Porto Santo no Arquipélago da Madeira, Huasca del Ocampo no México (Del Lama e Dehira 2022), que se constituem concorridos destinos de turismo. Geralmente, essas feições nesses locais têm ocorrência natural, isto é, ocorrem sem que elas tenham sido exumadas ou escavadas, resultado da dinâmica de evolução natural da paisagem. No Estado de São Paulo, algumas ocorrências já são conhecidas, como por exemplo a apresentada no município de Santa Rita do Passa Quatro (Garcia 2021), além de uma outra ocorrência no município de Piraju, no sul do estado, em corte de estrada. Objetiva-se neste trabalho, divulgar mais uma ocorrência de disjunção colunar em basalto no Estado de São Paulo. Ela situa-se em corte de estrada da SP-255 – Rod. Cmte João Ribeiro de Barros que liga Araraquara a Bauru, km 119, no município de Boa Esperança do Sul, nas proximidades do centro geodésico do estado. Destaca-se que a ocorrência de disjunção colunar também pode ser observada em outros tipos de rocha, como em arenito, conforme descrito em Carneiro e Dehira (1993).

2. Materiais e métodos

Para a compilação das ocorrências das disjunções colunares no exterior, foi utilizada a pesquisa via internet e os dados próprios de viagens dos autores. As ocorrências presentes no Estado de São Paulo foram catalogadas (a) de informações da bibliografia disponível, (b) de informações verbais de docente do IGc-USP (profa. Lucelene Martins), e (c) a ocorrência aqui descrita, foi observada durante trabalhos de campo do primeiro autor. A locação da ocorrência foi feita na plataforma do Google Maps (Fig. 1).

3. Resultados e discussão

As disjunções colunares que ocorrem no Estado de São Paulo, não são ocorrências naturais, isto é, elas são resultado de atividades de escavação, seja em corte de estrada, seja em áreas de mineração, ao contrário das ocorrências citadas no exterior, que são expostas pela ação de entalhe dos rios, erosão marinha, ação do vento ou das chuvas combinadas. Adicionalmente, a maioria das ocorrências de disjunção colunar no estado não é perfeitamente regular, tratando-se de ocorrências com fraturamento vertical a subvertical, irregular, constituindo colunas irregulares, com poucos lados. São aqui individualmente citadas as ocorrências de Santa Rita do Passa Quatro, em frente de lavra para brita, que apresenta colunas perfeitamente regulares com formato hexagonal, e a ocorrência aqui descrita, no município de Boa Esperança do Sul, que também apresenta colunas regulares, com pequena inclinação em relação a vertical a pouco mais inclinada, com largura de cerca de 40 cm (Fig. 2), não tendo sido ainda relatada na bibliografia a sua ocorrência. Destaque-se que, com a abertura de novas estradas e/ou avanço de frentes de lavra das minerações nas áreas de basalto, outras feições similares poderão surgir, e que poderão constituir-se em novos pontos de visitação pela sua singularidade de ocorrência.

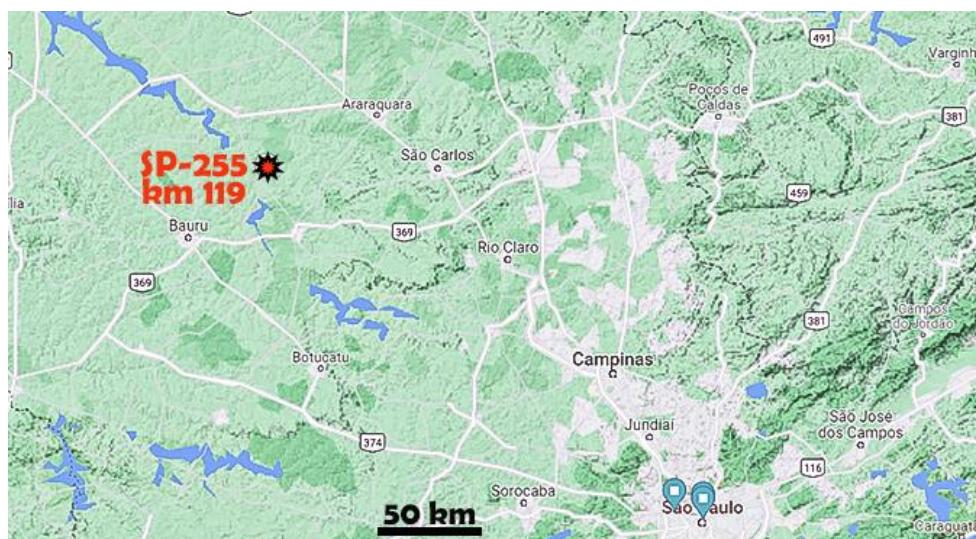


Fig. 1 – Localização da disjunção colunar descrita neste trabalho.



Fig. 2 – Disjunção colunar em basalto - Rodovia Comte João Ribeiro de Barros, km 119 – Município de Boa Esperança do Sul.

Referências

- Carneiro CDR, Dehira LK. 1993. Monumentos geológicos. Ciência Hoje-SBPC 16(91): 43.
Del Lama EA, Dehira LK. 2022. O basalto no patrimônio construído e no patrimônio geológico. Museologia e Patrimônio 15(1): 83-97.
Garcia MGM. 2021. Patrimônio Geológico Paulista: uma viagem no tempo geológico em 50 geossítios. Febrageo.